



Trans/Form/Ação

ISSN: 0101-3173

ISSN: 1980-539X

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia

Engler, Maicon Reus

Comentário ao artigo Filosofia e filologia: o jogo entre gregos e alemães

Trans/Form/Ação, vol. 44, núm. 1, 2021, Janeiro-Março, pp. 35-44

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia

DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n1.03.p35>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384272290003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

## COMENTÁRIO AO ARTIGO


## FILOSOFIA E FILOLOGIA: O JOGO ENTRE GREGOS E ALEMÃES

*Maicon Reus Engler*<sup>1</sup>

Referência do artigo comentado: LOPES, André Pereira Leme. Heráclito, B52 DK: contribuição à semântica do jogo. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, vol. 44, n. 1, p. 17-34, 2021.

O artigo de Lopes (2021) destaca-se pela ponderação de seus juízos. Aliado a uma erudição indispensável, ele disserta com propriedade sobre problemas cruciais que envolvem o famoso fragmento B52-DK de Heráclito e sustenta opiniões que se afastam de extremos nem sempre ancorados nos dados filológicos. Como o autor admite, todavia, o estudo permanece no umbral de uma interpretação filosófica mais ampla, preparando o terreno para considerações vindouras que possam tomar posição definitiva em relação aos problemas elencados.

Em seu tratamento dos dados histórico-linguísticos, ele mostra também como a filologia pode aliar-se beneficentemente à filosofia. Gostaria de tecer alguns comentários sobre esse tema fundamental. Por um lado, a filologia permite que o filósofo aprofunde suas interpretações via detalhada exploração do vocabulário, do contexto histórico e da transmissão dos textos supérstites. As considerações do prof. Lopes sobre as conotações lúdicas do

<sup>1</sup> Professor adjunto do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação (DTFE) e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPR, Curitiba, PR – Brasil. Atualmente em estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Minas Gerais.  <https://orcid.org/0000-0001-6752-259X> E-mail: reusengler@gmail.com

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n1.03.p35>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

verbo *metapíptō*, usado no fragmento B88-DK, constituem exemplos desse fato. Por outro lado, ela amiúde limita o voo especulativo dos filósofos, especialmente ao assinalar onde a exegese viola o sentido originário visado pelos antigos. Exemplo disso são as discussões do prof. Lopes sobre os jogos de tabuleiro e sobre os termos *basilēē* e *pólis*, as quais alertam o leitor sobre alguns problemas das interpretações cosmológicas do fragmento em apreço.

Essa intrincada relação com o saber filosófico fez-se presente desde o início da filologia enquanto ciência. Em várias etapas de sua história, ela serviu ora para expandir, ora para delimitar a reflexão dos filósofos. A redescoberta dos pré-socráticos encetada por Heidegger, por exemplo, foi devedora imediata do trabalho minucioso de Hermann Diels (1903), assim como o Idealismo Alemão, máxime em seu léxico e em seus anseios mais íntimos, hauriu poderosos estímulos da retomada da *Gräzistik* envidada por Winckelmann, pelos irmãos Schlegel e, mais precisamente, por Friedrich Schleiermacher e seu hercúleo trabalho de tradução e comentário dos *Diálogos*. Jamais os filósofos teriam falado em Idealismo, em pleno século XIX, e jamais teriam sentido a dolorida *nostalgie de la Grèce*<sup>2</sup>, não fosse o meticuloso empenho dos filólogos que os precederam. Do mesmo modo, jamais a discussão dos pré-socráticos e do início da filosofia grega teria chegado ao patamar ao qual chegou, no século XX, sem a valiosa coletânea compilada por Diels.<sup>3</sup>

Não por acaso, esse fato toca diretamente a tradição alemã. Ela é o exemplo mais acabado de como as *nuptiae* entre filologia e filosofia podem produzir belos frutos, em que pesem seus inúmeros conflitos. Enquanto se pretendeu ingenuamente uma ciência rígida, a filologia esposou o método da objetividade e evidência factual, e torceu o nariz para as intepretações não raro “delirantes” (*schwärmerisch*) dos filósofos, como se fossem suposições criativas, porém carentes de base histórica. Nietzsche e Heidegger que o digam: as

<sup>2</sup> Sobre isso, conferir: TAMINIAUX, 1967; AMERIKS, 2005, p. 8; BUTLER, 1958; SAFRANSKI, 2010.

<sup>3</sup> Há vários exemplos dessa discussão, no interior da tradição alemã, sem mencionar as contribuições de Kahn, Mourelatos e Cordero. O auge da discussão dá-se com a coletânea organizada por Gadamer (1968) sobre o mundo conceitual (*Begriffswelt*) dos pré-socráticos, da qual participam eminentes estudiosos, como Jaeger, Stenzel, Snell, Hölscher, Fränkel, Reinhardt, Klein etc. O próprio Gadamer escreve mais tarde dois volumes sobre o início da filosofia (GADAMER, 1996) e do saber (GADAMER, 1999), onde aborda os pré-socráticos. Do mesmo modo, o livro de Hölscher (1968) apresenta importantes considerações sobre Anaximandro, Parmênides e Heráclito. Essas discussões são, em parte, suscitadas pelo trabalho de Diels, pois ele tornou acessível, pela primeira vez, uma visão de conjunto desse período da filosofia. Antes de sua coletânea, alguns autores, como Nietzsche, Hegel e Schopenhauer, por exemplo, tinham de utilizar as fontes doxográficas originais, o que não lhes punha à mão a completude dos fragmentos (GAMADER, 1996, p. 43-44).

diatribes de Wilamowitz (2005) contra o *Nascimento da Tragédia*, tal como as invectivas filológicas de Paul Friedländer (1979) e Glenn Most (2002) contra os “Gregos de Heidegger” e seu conceito de *alétheia*, pois, exemplificam como tais relações podem ser conturbadas.

Por outro lado, isso também impediu à filologia que tomasse consciência de suas escolhas filosóficas prévias, algo que sempre foi objeto de crítica por parte dos filósofos. Por exemplo: hoje está fora de dúvida que o sistema de Hegel e suas *Preleções sobre a História da Filosofia* foram determinantes para a esplêndida descrição da filosofia grega elaborada por Zeller (1893), bem como para algumas decisões sobre o ordenamento dos fragmentos pré-socráticos feitas por Diels, sobretudo para o próprio termo “pré-socrático”<sup>4</sup>; outrossim, o positivismo e o fervor patriótico prussiano foram primordiais para Wilamowitz-Möllandorf, como se nota a partir de sua descrição da *República* de Platão (VEGETTI, 2009, p. 114).

Logo, a tensão de tais relações pode ser deveras prolífica. O artigo do prof. Lopes merece ser lido porque expõe os dados filológicos sem perder de vista seu possível sentido filosófico; ele consegue realizar delicado balanço entre essas duas opções fundamentais, conquanto não desenvolva completamente a interpretação filosófica. E o caso de Heráclito não poderia ser mais sintomático a esse respeito, pois o eremita de Éfeso foi desde sempre cortejado com avidez por grandes filósofos alemães. Enquanto sua lógica atenta aos opostos atraiu a Hegel<sup>5</sup>, sua visão da gratuidade do devir encantou a Nietzsche (1978, p. 107) e sua descrição do ocultar-se da natureza serviu como uma luva à narrativa heideggeriana sobre o Ser (NIETZSCHE, 1978, p. 127). Não obstante na filosofia inteira de Nietzsche ressoem temas notavelmente heraclíticos – parece-me ser possível derivar grande parte de suas reflexões maduras, com efeito, da descrição de Heráclito em *A filosofia da idade trágica dos gregos* – Eugen Fink talvez seja o filósofo que uniu mais perfeitamente a discussão de Heráclito e o problema do jogo. Suas reflexões merecem, pois, alguma atenção.

<sup>4</sup> Desde a publicação da nova edição dos pré-socráticos organizada por Laks-Most (2016), iniciou-se verdadeira batalha sobre vários pontos antes assentes, como o nome “pré-socrático”. Laks e Most não aceitam esse termo e usam, em seu lugar, “Early Greek Philosophy”, além de incluírem os fragmentos sobre Sócrates em seus nove volumes. Assim, parte das decisões de Diels, inspiradas em Hegel e Zeller, está hoje sob forte ataque (LAKS-MOST, 2016, p. 6).

<sup>5</sup> “Assim esta filosofia não é passada; seu princípio é essencial e encontra-se em minha *Lógica*, no começo, logo depois do ser e do nada.” (HEGEL, 1978, p. 93).

Como é de conhecimento geral, Fink e Heidegger (1970) ministraram um curso sobre o “obscuro” em 1966/67. Trata-se do último curso de Heidegger em Freiburg, e ele exibe um diálogo memorável, pleno de respeito e amizade, entre os dois grandes pensadores e herdeiros de Husserl. A discussão do jogo, todavia, está ausente aqui; o fragmento B52-DK é preterido em prol do tratamento de problemas ontológicos à primeira vista mais abrangentes. No seminário de 1943, intitulado *Der Anfang des abendländischen Denkens*, Heidegger discutira Heráclito e aludira ao problema do jogo, citando a anedota relatada por Diógenes Laércio (IX, 3), segundo a qual o filósofo ter-se-ia retirado para o templo de Ártemis a fim de jogar com as crianças, ao invés de discutir política com os adultos. É curioso que o fragmento B52-DK não apareça aqui. Entre outras coisas, Heidegger pensa que a anedota mostra como Heráclito evita tomar parte nos assuntos humanos (*politeuesthai*) e prefere, ao contrário, manter-se próximo dos deuses e aberto ao sagrado. O jogo é visto como uma atividade própria de Ártemis e, portanto, mais divina do que humana: sua dinâmica revelaria o constante desabrochar da *phýsis* (HEIDEGGER, 2018, p. 18ss). Em nenhum momento Heidegger cogita, como o prof. Lopes recorda oportunamente, que Heráclito possa estar usando o termo *pólis* para denominar um jogo da época.

O seminário de Heidegger e Fink foi imediatamente precedido pelo livro em que Fink discorreu sobre a ontologia do jogo: *Spiel as Weltsymbol* (1960). Apesar de já haver certa discussão anterior do tema, como o *Homo ludens* (1938) de Huizinga e o seminário de Heidegger exemplificam, é talvez a partir desse curso que o problema do jogo adquire estatuto filosófico no interior da tradição fenomenológico-hermenêutica.<sup>6</sup> No mesmo ano, Hans G. Gadamer, o qual fez a resenha do livro de Fink (GADAMER, 1961), utilizará o jogo para descrever o acontecimento da obra de arte, em *Verdade e Método* (GADAMER, 2015, p. 154), um tema depois retomado no clássico livro de 1974: *A atualidade do Belo: arte como jogo, símbolo e festa* (GADAMER, 2009).

<sup>6</sup> Há ainda outros exemplos da discussão sobre o jogo. Como sabido, Schiller (1999) já utilizara, em seu clássico livro sobre *A Educação estética do homem* (1794), a ideia de impulso lúdico (*Triebspiel*) como forma de mediar o constante antagonismo entre o impulso sensível (*sinnlicher Trieb*) e o formal (*Formtrieb*). A arte inteira nasceria desse impulso, assim como a educação capaz de moralizar o homem. Como a influência do classicismo alemão sobre autores como Fink, Heidegger e Gadamer é notória, pode-se imaginar que Schiller os tenha inspirado a resgatar o tema do jogo, para pensar alguns problemas filosóficos contemporâneos. No século XX, um dos mais prolíficos usos da ideia, que pode também ter inspirado algo do debate alemão, é o conceito de jogos de linguagem proposto por Wittgenstein (1999, I, 7), em seu clássico *Investigações Filosóficas* (1953).

No livro de Fink, o pensamento de Heráclito é discutido sob o viés da interpretação nietzschiana. Vale a pena ver seu comentário, a fim de entender melhor as afirmações acima sobre a tradição alemã. O trecho provém do texto *Oase des Glücks, Gedanken zu einer Ontologie des Spiels*, que teve grande repercussão, na época, por ser transmitido como preleção pela estação de rádio de Baden-Baden (1957). Ele integra o livro de 1960:

Das Phänomen des Spieles ist nun eine Erscheinung, die als solche schon durch den Grundzug symbolischer Repräsentanz ausgezeichnet ist. Wird vielleicht das Spiel zum gleichnishaften Schauspiel des Ganzen, zur erhellenden, spekulativen Weltmetapher? Dieser verwegene, kühne Gedanke ist wirklich gedacht worden. In der Morgenfrühe des europäischen Denkens stellt Heraklit den Spruch auf: „Der Weltlauf ist ein spielendes Kind, Brettsteine setzend — eine Königsherrschaft des Kindes” (Fragment 52, Diels). Und nach 25 Jahrhunderten der Denkgeschichte heißt es bei Nietzsche: „— ein Werden und Vergehen, ein Bauen und Zerstören, ohne jede moralische Zurechnung, in ewig gleicher Unschuld hat in dieser Welt allein das Spiel des Künstlers und des Kindes” — „die Welt ist das Spiel des Zeus [...]” (Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen). (FINK, 1957, p. 50-51).

Nessa passagem, destaca-se aquilo que o prof. Lopes denomina “interpretação cosmológica do jogo”. O jogo é entendido metaforicamente como a armação da própria realidade: esta organiza-se segundo regras, porém, é dotada de certa gratuidade e amoralidade, ao menos na versão de Nietzsche. Para Fink, Heráclito visa o fato de que abertura “jocosa” da existência humana (*spielhafte Offentheit des menschlichen Daseins*) ao fundamento “lúdico” do Ser de todos os entes (*zum spielenden Seinsgrund*) revela, pois, o privilégio de tal existência em relação ao Ser. Noutras palavras, o ser humano pode compreender o desvelar do mundo como jogo, porque consegue pôr sua existência em correspondência (*entsprechen*) com o Ser, de tal modo que é capaz de vê-lo em suas regras, objetivos, movimentos etc. (FINK, 1957, p. 51-52).

Essa interpretação é uma elucubração inspirada em Heráclito. Se se mantém em mente que a filosofia não está casada com rigidez de uma única ciência, mas, como uma Cármen, pode desfrutar da beleza de diversos métodos, não há problema em admitir a originalidade de Fink. O problema estaria em pensar que suas considerações, conforme apresentadas a partir do contexto contemporâneo, tenham sido exatamente o que Heráclito pretendia dizer. É a partir disso que se acende o conflito entre filologia e filosofia. O artigo do prof.

Lopes tem o mérito de manter essas escolhas visíveis, sem ocultar as profundas consequências teóricas que acarretam.

Essas consequências nem sempre partem dos problemas em si, e muitas vezes pressupõem questões circunjacentes, as quais só se revelam com o tempo. A retomada dos pré-socráticos empreendida por Heidegger e seus discípulos, v.g., significou também um ferrenho comprometimento com a interpretação nietzschiana de Platão. Enquanto aqueles eram vistos como filósofos puros e ainda não metafísicos, este era concebido como a origem de toda a tradição filosófica e seus erros. Outras decisões motivavam esse movimento: ao preconizar o retorno aos pré-platônicos, Heidegger recusava o pensador que servia de modelo a seus colegas e adversários em Marburg, ou seja, ele se afastava assim do platonismo dos neokantianos (Natorp, Cohen e Cassirer). Isso teve como resultado uma visão bastante prejudicial de Platão, da qual Gadamer foi talvez o único a salvar-se, provavelmente por suas relações com Friedländer. Por exemplo, a abordagem fez com que tais pensadores subestimassem o fato altamente significativo de que Platão, na esteira dos sofistas e porventura de Heráclito<sup>7</sup>, desenvolveu importantes reflexões sobre o jogo. Eis o tema com o qual gostaria de findar este breve comentário, limitando-me aqui a mencionar algumas dessas reflexões.

Na *República*, Platão afirma que as crianças devem aprender brincando (R. 537a), e também ressalta que toda a atividade mimética é um tipo de jogo ou brincadeira (*paidia*) (R. 602b8). Ou seja, além de utilizar o jogo em sua pedagogia, ele descreve toda a arte, como Schiller e Gadamer farão, séculos mais tarde, como um tipo de jogo. Ademais, como a criação do mundo é feita de maneira mimética – o demiurgo plasma no mundo material as cópias das ideias (*Tim.* 29a) – não é ocioso concluir que Platão, como Heráclito, imaginou quicá uma cosmologia do jogo. No *Fedro*, por sua vez, onde Platão reflete profundamente sobre tal tema (BARATIERI, 2014), ele concebe a retórica (*Phdr.* 262d, 265d) e toda a atividade de escrita (*Phdr.* 276d) como um jogo/brincadeira.

<sup>7</sup> Como a comparação da *Apologia de Sócrates* com a *Apologia de Palamedes* revela, Platão sofreu profunda influência de Górgias, cujas obras deve ter conhecido muito bem. De modo geral, toda a retórica protréptica e ilusionista (*apátē*) que há nos *Diálogos* encontra precedentes claros nos sofistas. Assim, estou convencido de que ele pode ter aprendido com Górgias – que considerava seu discurso sobre Helena (*Hel.* 21) uma “brincadeira” (*paígnion*) – que o elemento lúdico é fundamental para uma pedagogia eficiente. Do mesmo modo, alguns elementos dessa ideia já se faziam presentes em Trasímaco, o qual, além de ter sido magistralmente retratado por Platão, na *República*, teria escrito uma série de discursos intitulados “Discursos jocosos” (*paígnia*) (A1-DK; D2).

Em última instância, isso significa que ele pode ter compreendido sua tarefa de escritor como um jogo/brincadeira e, por isso, alguns intérpretes contemporâneos têm enfatizado os elementos de diversão dos *Diálogos*, os quais cumprem relevante papel pedagógico e protréptico. Até mesmo o senso de humor ter-lhe-ia sido fundamental na composição de sua obra (ALTMAN, 2018). No *Parmênides*, por fim, os exercícios dialéticos realizados pelas personagens também são chamados de “jogo” (*Parm.* 137b), e seu caráter desportivo (*Parm.* 135d; 137a) é assinalado desde o início do diálogo.

Como no caso de Heráclito, trata-se de um exemplo da difícil relação entre filosofia e filologia. A perspectiva puramente filosófica, tal a dos pensadores alemães, é como que incapaz de explorar tais similaridades, pois que perfilhou de antemão a total incompatibilidade entre Platão e Heráclito postulada por Nietzsche. Noutras palavras, uma decisão simultaneamente teórica e política acaba por travar-lhes o caminho ao rico manancial de discussões gregas sobre o jogo. Por outro lado, a abordagem estritamente filológica tampouco garantiria maior correção à análise do problema. Embora pudesse reconhecer a origem e o parentesco das reflexões platônicas, ela não necessariamente entenderia a essência do jogar, o que só é possível através da elucidação conceitual que caracteriza o saber filosófico. Por tal motivo, Fink (2010, p. 231) já criticava a perspectiva meramente histórico-filológica, cuja concepção de jogo é ingênua e baseada tão-somente na familiaridade cotidiana com tal fenômeno.

Vista sob esse ângulo, parece que a solução de tal problema é aquela que percorre sutilmente, sem menção explícita, o texto do prof. Lopes: a filosofia e a filologia precisam tornar-se conscientes de sua interdependência. Noutras palavras, se a tarefa de interpretação é mesmo tão árdua e intrincada quanto as temíveis cabeças de uma Hidra de Lerna, a filosofia deve tornar-se Hércules, e a filologia, Iolau. Dessa aliança prolífica pode então surgir, de forma ao mesmo tempo exata e originária, o fabuloso legado dos antigos.

## REFERÊNCIAS

ALTMAN, W. H. F. **Ascent to the Good**. The Reading Order of Plato's Dialogues from Symposium to Republic. Lanham: Lexington Books, 2018.

AMERIKS, K. Introduction: interpreting German Idealism. In: AMERIKS, K. (ed.). **The Cambridge Companion to German Idealism**. New York: Cambridge University Press, 2005.



BARATIERI, P. **Dialética, diálogo e retórica**: uma leitura do Fedro. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis, 2014.

BUTLER, E. M. **The tyranny of Greece over Germany**. Boston: Beacon Press, 1958.

DIELS, H.; KRANZ, W. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. Zürich: Weidmann, 1989.

FINK, E. **Oase des Glücks, Gedanken zu einer Ontologie des Spiels**. Freiburg/München: Herder Druck/ Hanspeter Schmidt, 1957.

FINK, E. Play and Philosophy. In: FINK, E. **Play as Symbol of the World and Other Writings**. Transl. Alexander Moore and Christopher Turner. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2010. p. 229-233.

FINK, E.; HEIDEGGER, M. **Heraklit**. Seminar Wintersemester 1966/67. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1970.

FRIEDLÄNDER, P [1954]. **Platone. Eidos. Paideia. Dialogos**. Prezentazione e traduzione di Dario Fucci. Firenze: La Nuova Italia, 1979.

GADAMER, H. G. Spiel als Weltsymbol von Eugen Fink (Rezension). **Philosophische Rundschau**, v. 9, n. 1, p. 1-8, 1961.

GADAMER, H. G. (Hrsg.) **Um die Begriffswelt der Vorsokratiker**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968.

GADAMER, H. G. **Der Anfang der Philosophie**. Stuttgart: Reclam, 1996.

GADAMER, H. G. **Der Anfang des Wissens**. Stuttgart: Reclam, 1999.

GADAMER, H. G. **Die Aktualität des Schönen**: Kunst als Spiel, Symbol und Fest. Stuttgart: Reclam, 2009.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15ª edição. Tradução de Flávio P. Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HEGEL, G. F. W. Heráclito de Éfeso. Tradução de Ernildo Stein. In: SOUZA, J. C. (org.). **Os pré-socráticos**. Fragmentos, doxografia e comentários. **São Paulo: Abril Cultural, 1978**. p. 92-102.

HEIDEGGER, M. Alétheia. Heráclito, fragmento 16. Tradução de Ernildo Stein. In: SOUZA, J. C. (org.). **Os pré-socráticos**. Fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 123-136.

HEIDEGGER, M. **Heracitus**. The Inception of Occidental Thinking. Logic: Heraclitus's Doctrine of the Logos. Translated by Julia Goesser Assaiane and S. Montgomery Ewegen. London/New York: Bloomsbury Academic, 2018.

HÖLSCHER, U. **Anfängliches Fragen**. Studien zur frühen griechischen Philosophie. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1968.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LAÉRCIO, D. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução de Mário G. Kury. Brasília: Editora UnB, 1988.

LAKS, A.; MOST, G. (ed.). **Early Greek Philosophers**. Introductory and reference materials. Cambridge, MA: Loeb Classical Library, 2016.

LOPES, André Pereira Leme. Heráclito, B52 DK: contribuição à semântica do jogo. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, vol. 44, n. 1, p. 17 – 34, 2021.

MOST, G. Heidegger's Greeks. **Arion: A Journal of Humanities and the Classics**, Third Series, v. 10, n. 1, p. 83-98, Spring/Summer 2002.

NIETZSCHE, F. **Die Geburt der Tragödie**. Kritische Studienausgabe I. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH, 1988.

NIETZSCHE, F. Heráclito. Tradução de Rubens R. T. Filho. In: SOUZA, J. C. (org.). **Os pré-socráticos**. Fragmentos, doxografia e comentários. **São Paulo: Abril Cultural, 1978**. p. 102-110.

PLATÃO. **Platonis Opera. Tomus II** (org. John Burnet). New York: Oxford University Press, First Published 1901.

PLATÃO. **Platonis Opera. Tomus IV** (org. John Burnet). New York: Oxford University Press, First Published 1902.

PLATÃO. **Platonis Opera. Tomus III** (org. John Burnet). New York: Oxford University Press, First Published 1903.

PLATÃO. **Platonis Opera. Tomus I** (org. E. A. Duke *et alii*). New York: Oxford University Press, 1995.

SAFRANSKI, R. **Romantismo**: uma questão alemã. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SCHILLER, F. Über die ästhetische Erziehung des Menschen. In: SCHILLER, F. **Theoretische Schriften**. Köln: Könnemann, 1999. p. 250-348.

TAMINIAUX, J. **La nostalgie de la Grece a l'aube de l'Idealisme Allemand**. La Haye: Martinus Nijhoff, 1967.

VEGETTI, M. **Um paradigma no céu**: Platão político, de Aristóteles ao século XX. São Paulo: Anablume, 2010 (Coleção Archai: as origens do pensamento ocidental, 4).

WILAMOWITZ-MÖLLENDORF, U. Filologia do futuro! Primeira Parte. In: MACHADO, R. (org.). **Nietzsche e a polêmica sobre O Nascimento da Tragédia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 55-79.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

ZELLER, E. **Grundriss der Geschichte der griechischen Philosophie**. Vierte Auflag.  
Leipzig: O. R Reisland, 1893.

---

Recebido: 08/12/2020

Aceito: 13/12/2020